

ANTONIO LISBOA LOPES NETO

AS IRMANDADES RELIGIOSAS MINEIRAS NO PERÍODO COLONIAL

CELACC/ECA-USP

2010

ANTONIO LISBOA LOPES NETO

AS IRMANDADES RELIGIOSAS MINEIRAS NO PERÍODO COLONIAL

Trabalho de conclusão do curso de pós-graduação do curso de Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos, produzido sob a orientação da Prof.^a Dr.^a. Kátia Maria Roberto de Oliveira Kodama.

CELACC/ECA-USP

2010

BANCA EXAMINADORA

Professora Dr^a. Kátia Maria Roberto De Oliveira Kodama

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Antonio e Laurentina que com imenso afeto e amor, dedicam suas vidas a mim, sempre me auxiliando, me incentivando e me orientando, com paciência e compreensão.

A eles minha eterna gratidão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, já que ele é o Senhor de toda fonte de vida e sabedoria.

Também agradeço a toda minha família e em especial aos meus pais e ao meu irmão Pedro, por tudo o que eles representam para minha vida.

Meu sincero reconhecimento a professora e orientadora Kátia Maria Roberto de Oliveira Kodama, a quem aprecio muito, pelo carinho, dedicação e paciência ao compartilhar suas experiências, seus conhecimentos e sua inteligência, sendo modelo de pessoa e de profissional a ser seguida por todos, devido ao grande empenho e comprometimento com que realiza suas atividades.

Meus agradecimentos ao coordenador e professor Dennis de Oliveira, cuja competência e inteligência me inspiram, por toda ajuda, e a todos os demais professores, pois são responsáveis, os colaboradores de minha formação, já que com eles muito aprendi.

Igualmente agradeço a todos os meus amigos por compartilharem momentos especiais em minha vida, pela amizade e pelo apoio incondicional que me dedicaram nestes anos de convivência comum, tornando a caminhada mais agradável.

LOPES NETO, A. L. **As Irmandades religiosas mineiras no período colonial**. 2010. 31 páginas. Artigo. (Especialização). Centro de Estudos Latino-Americano sobre Cultura e Comunicação, Universidade de São Paulo, 2010.

RESUMO

O estudo aqui apresentado e abordado trata-se das Irmandades Religiosas Mineiras no período colonial e a importância destas entidades leigas para a formação social, cultural e intelectual da sociedade brasileira.

Analisa as rivalidades e conflitos de irmandades antagonistas e suas autonomias perante o governo. Além desses estudos, esse trabalho pretende examinar a contribuição estética das irmandades negras para a cultura brasileira, onde o profano e o sagrado unem-se em construções arquitetônicas de igrejas.

Palavras-chave: irmandades e confrarias religiosas; irmandades negras; Chico Rei; Igreja de Santa Ifigênia do Alto Cruz.

LOPES NETO, A. L. **Las cofradías religiosas en la minería colonial**. 2010. 31 páginas. El artículo. (Especialización). Centro para la Conferencia Latinoamericana de Cultura y Comunicación de la Universidad de São Paulo, 2010.

RESUMEN

El estudio que aquí se presenta y se discute las cofradías religiosas en Minas colonial y la importancia de estas entidades para poner la vida social, cultural e intelectual de la sociedad brasileña.

Examina las rivalidades y los conflictos de los antagonistas de cofradías y su autonomía para el gobierno. Además de estos estudios, este trabajo tiene la intención de examinar la contribución estética de hermandades negro a la cultura brasileña, donde lo profano y lo sagrado se unen en las construcciones arquitectónicas de las iglesias.

Palabras clave: cofradías y fraternidades, hermandades negro; Chico Rei, Iglesia de Santa Ifigenia Cruz Alta.

LOPES NETO, A. L. **The religious brotherhoods in colonial mining.** 2010. 31 pages. Article. (Specialization). Center for Latin American Conference on Culture and Communication, University of São Paulo, 2010.

ABSTRACT

The study presented here and discussed it is the religious brotherhoods in colonial Minas and importance of these entities to lay the social, cultural and intellectual of Brazilian society.

Examines the rivalries and conflicts of brotherhoods antagonists and their autonomy to the government. Besides these studies, this paper intends to examine the aesthetic contribution of black brotherhoods to Brazilian culture, where the profane and the sacred unite in architectural constructions of churches.

Key words: religious brotherhoods and fraternities, sororities black; Chico Rei; Church of Santa Cruz High's Iphigenia.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Gravura. Autor: Jean Baptiste Debret, 1768-1848 Título: Enterrement d'une femme nègre.22

Imagem 2: Gravura. Autor: Jean Baptiste Debret, 1768-1848 Título: Convoi funèbre dun fils de roi nègre.22

LISTA DE FOTOS

- Foto 1: Vista das fachadas das igrejas de São Francisco de Assis e Igreja Nossa Senhora do Carmo em Mariana Minas Gerais. Autoria: Karina Irino, 2010.....15
- Foto 2: Detalhe entalhes em forma de búzios num altar lateral da igreja Santa Ifigênia. Autoria da fotografia: Soraya Pereira, 2005.....25
- Foto 3: Detalhe do forro da Igreja Santa Ifigênia do Alto da Cruz. Papa Negro26

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
AS IRMANDADES E CONFRARIAS RELIGIOSAS.....	13
IRMANDADES NEGRAS... ..	19
O LENDÁRIO CHICO REI.....	23
IGREJA SANTA IFIGÊNIA E SEUS SIMBOLOS	25
CONCLUSÃO.....	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	29

INTRODUÇÃO

O objeto de estudo deste artigo se constitui na análise das irmandades religiosas mineiras no período colonial e sua importância para a formação de uma sociedade em seus mais divergentes aspectos culturais, políticos, econômicos, étnicos e religiosos.

Em uma primeira leitura, pode-se dizer que este artigo tem a finalidade de expor como a religião foi fundamental para o surgimento da cidade de Vila Rica, atual Ouro Preto e como esta deve muito a suas irmandades, que mantinham todo aparato socioeconômico, sustentador da cidade.

A princípio serão observados à origem das irmandades leigas, seus conceitos, bem como seus propósitos. Também serão apresentados os motivos que levaram a corte a proibir as ordens religiosas de se estabelecerem em Minas Gerais e como o Estado administrava essa situação.

Com a necessidade de responder os questionamentos formulados, no desenvolver do estudo, é fundamental entender a importância dessas irmandades em Minas Gerais. Assim, busca-se analisar como surgiram os conflitos e as rivalidades das irmandades antagonistas.

Por que as construções de igrejas eram pretextos de disputas? E quais motivos levaram uma querer competir com a outra?

Procura ainda identificar as classes existentes nas irmandades e como eram sua hierarquia administrativa, assim como as obrigações de seus membros.

Também buscará aprofundar os conhecimentos sobre a irmandade negra.

O que levou os negros a participarem dessas irmandades?

Quanto se pagavam para se agregar a uma irmandade? E quais os benefícios que elas proporcionariam?

Assim, as perguntas formuladas são indispensáveis para a reflexão, pois as informações oferecidas servem como base para novas indagações que possam a vir surgir com o presente trabalho.

Ainda será analisado a importância do lendário Chico Rei para os negros e como estes viam nele um referencial de homem, guerreiro e de rei. Levantamentos históricos serão necessários para compreender a construção da igreja de Santa Ifigênia do Alto da Cruz e de seu valor para a cultura negra.

A igreja de Santa Ifigênia do Alto da Cruz e seus símbolos serão analisados e pretende-se olhar e refletir sobre a forte presença da cultura negra na construção dessa igreja, uma vez que nela pode-se encontrar símbolos dos orixás, búzios, entre outros, espalhados pela igreja, tanto em altares laterais como no forro.

Importante ressaltar a figura de um papa negro no forro da igreja, o que remete a uma possível homenagem ao lendário Chico Rei.

Esse artigo tem como principal objetivo propor uma reflexão sobre a influência das irmandades religiosas em Minas Gerais e na vida de seus associados, seja na construção arquitetônica externa como interna das igrejas e como estas foram uma forte propaganda para a contra reforma e valorização dos dogmas cristãos.

AS IRMANDADES E CONFRARIAS RELIGIOSAS

No período colonial em Vila Rica, atual Ouro Preto, Minas Gerais, ocorreu um fato histórico importante para a formação e desenvolvimento da sociedade, tanto no aspecto social, cultural e intelectual.

Durante o ciclo do ouro, Minas Gerais vivia uns dos melhores períodos da sua história. Entretanto, Igreja e Estado Absolutista exerciam domínio perante a sociedade. Assim, as ordens religiosas foram impedidas de se instalarem, pois o governo temia que essas ordens religiosas explorassem e extraíssem o ouro e os diamantes daquela região.

Com a necessidade de ter uma vida espiritual e religiosa, Minas Gerais fez uso das irmandades leigas, na medida em que não podia contar com ordens religiosas.

Essas irmandades leigas prestavam assistência tanto na vida social, auxiliando os enfermos, como na vida cultural, realizando festas religiosas no povoado. Segundo Caio César Boschi (1986, p. 183), *“as irmandades foram uma força auxiliar, complementar e substituta da Igreja, sendo responsáveis pela contratação de religiosos e pela construção dos templos”*.

As irmandades possuíam autonomia própria, uma vez que seus próprios integrantes administravam suas sedes, resolvendo as questões internas e externas da sociedade. Elas supriam, por exemplo, questões básicas da população, haja vista que os governos não prestavam a devida assistência, mas apenas cobravam os tributos.

Entretanto, ainda que prestasse auxílio aos serviços públicos, o governo exigia destas instituições uma infinidade de documentações, a fim de poder ter um controle total sobre suas ações perante a sociedade, como podemos observar no comentário de Alves:

“[...] instituições religiosas que para poderem funcionar precisavam da autorização do Estado e da Igreja. Seus integrantes apresentavam na assembléia Legislativa Provincial um documento denominado

Ordem de Compromisso, onde descreviam estatuto e as intenções de suas confrarias. [...] As irmandades eram fundadas com a intenção primordial de divulgação e promoção do culto de um santo padroeiro e por isso realizavam anualmente a comemoração de sua festa, com procissões, missas e homenagens com velas e toques de sino. Essas irmandades, entretanto, trazem em suas instituições uma ambigüidade que lhes é indissociável, já que foram implementadas como forma de submeter os negros escravos ou libertos às práticas religiosas oficiais, além de procurar divulgar a idéia de conformação promulgada pela Igreja católica”. (ALVES, 2006: p. 7).

As irmandades eram formadas por autoridades da cidade, pois fazer parte de uma irmandade, naquela época, tinha um grande prestígio e status social.

Importante, ainda, mencionar que haviam rivalidades e conflitos entre as mais diversas irmandades, como pode-se observar no depoimento de Machado:

“Dentre esses, os ricos destacavam-se e chamavam sobre si a atenção de toda cidade. Daí o desejo de afirmar-se e reafirmar-se, de fazer-se e manter-ser “um”. Se a Igreja se tornara o foco de competição entre as freguesias rivais, seria também forçosamente a via de satisfação da vaidade pessoal”. (MACHADO, 1991: p. 196).

O que a Machado nos diz é que toda a riqueza e poder ficavam evidentes nas construções desses monumentos eclesiásticos. Assim, uma irmandade queria fazer da sua igreja a mais bela de todas, queria uma maior quantidade de ouro nos seus altares, criando uma competição entre elas, uma vez que a quantidade de folhas de ouro das igrejas representava os quão abastados e imponentes eram os membros daquela irmandade perante a sociedade.

Toda ostentação existente nas edificações traduzia o poder das irmandades e de seus membros.

Importante ainda ressaltar que muitas vezes irmandades antagonistas edificavam suas igrejas próximas uma das outras, ou até, lado a lado, cada uma expondo a sua exuberância e querendo competir com a outra.

Esta situação pode ser observada na foto ¹, das igrejas São Francisco de Assis e da igreja Nossa Senhora do Carmo, da cidade de Mariana, em Minas Gerais.



Foto 1. Vista das fachadas das igrejas de São Francisco de Assis à esquerda e da Igreja Nossa Senhora do Carmo à direita em Mariana Minas Gerais. Autoria da fotografia: Kárina Irino, 2010.

E toda essa rivalidade entre as irmandades não existia apenas entre uma igreja para com a outra, mas no interior de um mesmo templo religioso.

Em determinadas ocasiões encontraremos em uma mesma igreja grandes divergências, já que em alguns locais, várias irmandades se juntavam, por não terem alternativa, para juntas construir uma igreja, dividindo entre elas o seu interior.

Nesta divisão, a competição se refletia nos altares laterais, cada qual de responsabilidade de irmandade diversa, local onde cada uma buscava a obtenção de maior poder e na maior superioridade sobre a outra, através de toda pompa e esplendor de seus altares. Esta situação fica claro quando Etzel nos diz:

“Além disso, dentro de grandes igrejas com sucessivos altares laterais que pertenciam a diferentes irmandades, a competição obrigou a uma orgia barroca que satisfaz a vaidade e a devoção dos irmãos, dando neste poliformismo barroco característico dos ricos templos mineiros do séc. XVIII”. (ETZEL, 1986: p. 138).

Na verdade, toda essa competição também teve seu fator positivo, a de propiciar uma estética inigualável nas construções religiosas, transformando a Igreja em local de encontro e de identificação da população com o sagrado e com o belo.

O período barroco, abordado neste estudo, nasceu desse sistema, onde a Igreja se uniu com as pessoas mais ricas e poderosas para fortalecer seus dogmas, suas crenças e difundi-los perante a população, reforçando seus princípios, como pode-se observar nos escritos de Giulio Carlo Argan (2004, p. 143), *“A igreja empreende uma ação enérgica no campo social: busca o apoio dos poderosos, mas sabe que não pode prescindir da sustentação popular.”*

Com o apoio, muitas vezes financeiro, das pessoas mais abastadas das cidades, a Igreja passa a propagar seus valores por meio das ostentações de suas construções, tanto na arquitetura de suas fachadas, como pelas pinturas, pelos retábulos, pelas ricas ornamentações de seus altares. Esta foi à maneira encontrada para reconquistar os fiéis e trazê-los de volta para o cristianismo.

A contra reforma encontrou no barroco um excelente instrumento de propaganda, haja vista que a imponência de suas construções foi uns dos meios que a Igreja encontrou para restabelecer a ordem e a fé dos seus fiéis, como afirma Argan:

“Além de seu programa de reforço da fé mediante a propaganda, a Contra Reforma tem um programa social: as massas devem ter uma orientação religiosa e, portanto, os rituais de massa, como as

peregrinações e procissões, tornam-se mais freqüentes e importantes”. (ARGAN, 2004: p. 272).

Deste modo a contra reforma exercia sua função nos lugares onde o clero monástico não podia se instalar através das irmandades religiosas e confrarias, que representavam Roma e a Igreja nos lugares mais inacessíveis.

Interessante observar que em todo o período barroco no Brasil, o barroco mineiro é especial, pois é mais livre e único nas suas formas, nas suas criações arquitetônicas, em comparação às arquiteturas barrocas desenvolvidas nos outros estados.

Isso se deve, justamente, porque o barroco mineiro foi todo moldado pelas irmandades e confrarias. Estas eram formadas por pessoas leigas, as quais podiam desenvolver seus projetos livremente, sem qualquer interferência ou tradições concebidas e reguladas pelas autoridades eclesiásticas ou religiosas, que eram proibidas de se instalarem em Minas pelo Estado, devido ao ouro lá existente.

Tal situação era diferente nas outras províncias, na medida em que nestas as ordens religiosas podiam se instalar e, conseqüentemente, ao construírem seus templos respeitavam as regras já pré-definidas pela instituição de que faziam parte.

Entre as irmandades havia uma clara distinção, que refletia diretamente a hierarquia social existente na sociedade. Existiam três classes de irmandades: a branca, a parda e a negra.

As irmandades recebiam favores de seus membros, mas, por outro lado, também os prestava, traduzindo uma cadeia de troca de favores entre eles, como podemos observar no comentário de Machado:

“Distribuíram então as irmandades pelas três raças. Dentro da irmandade, cada irmão tinha amigos e sociedades, socorros espirituais e materiais; os que ocupavam cargos de diretoria tinham oportunidade para ganhar prestígio social e desenvolver suas

qualidades de dominação. Havia ambiente para firmarem coletivamente; pertenciam a um grupo importante na vida social”. (MACHADO, 1991: p. 198).

Fazer parte dessas irmandades custava caro. Pagava-se para ser aceito e o preço variava de acordo com a sua cor e com o prestígio da irmandade. Ou seja, a discriminação existente é bem clara e fica ainda mais evidente no que expõe Quintão:

“O valor da taxa de admissão e outras contribuições pagas pelos irmãos variavam de acordo com a cor do admitido. Os irmãos brancos eram obrigados a contribuir com uma quantia mais elevada que os pardos negros.

Essa mesma distinção não se verificava em relação ao sexo dos irmãos. Homens e mulheres pagavam a mesma importância, revelando uma certa igualdade e prestígio das mulheres nessas associações”. (QUINTÃO, 2000: p. 169).

As irmandades, principalmente em Minas Gerais, ainda exerceram o papel de mediadoras entre a igreja e a sociedade como podemos ver na menção de Boschi:

“As irmandades ofereceram para a Igreja uma dupla vantagem: foram simultaneamente gestoras e sedes de devoção, além de serem eficientes instrumentos de sustentação material do culto [...] substituíram o papel precípua do clero, como agentes e intermediárias da religião. No segundo momento, arcando com os onerosos encargos dos ofícios religiosos, eximiram esse mesmo clero de combater a instituição do Padroado régio [...] além de aliviar o Estado do compromisso de aplicação dos dízimos eclesiásticos recolhidos na implementação do culto religioso, os irmãos leigos acabaram por absorver a responsabilidade dos serviços de toda a população colonial”. (BOSCHI, 1986: p. 93).

Tanto as irmandades como as confrarias surgiram na Europa durante a Idade Média e se disseminaram nas colônias portuguesas. Geralmente eram compostas por trabalhadores e artesões, sob a evocação de um santo padroeiro.

AS IRMANDADES NEGRAS

Antes de abordar sobre as irmandades negras é necessário compreender o negro e sua importância para a formação do Brasil, não somente em Minas Gerais, mais também para a formação de todo país.

Para Ellis Cachmore (2000: p. 170), *“as identidades culturais vem de algum lugar, têm história e estão sujeitas as contínuas transformações ao longo do jogo da história, cultura e poder.*

Os negros que aqui chegaram sofreram transformações na sua cultura de origem, mas não em sua totalidade. Ao contrário, eles se apropriaram da cultura aqui existente e deram a ela um novo significado, conforme aponta Sodré:

“É preciso deixar bem claro que não se trata jamais de uma cultura negra fundadora ou originária que aqui se tenha instalado para, funcionalmente, servir de campo de resistência. Para cá vieram dispositivos culturais correspondentes às várias nações ou etnias dos escravos entre os séculos XVI e XIX. Tais culturas já conheciam mudanças no próprio continente africano em função de reorganizações territoriais e das transformações civilizatórias (substituições de antigos reinos e impérios por novos dispositivos políticos de natureza estatal), precipitadas pelas estruturas de tráfico de escravos montadas pelos europeus”. (SODRÉ, 1988: p. 123).

A partir dessa visão começamos a compreender a contribuição dos negros para o desenvolvimento do campo cultural, social, econômico e religioso de nossos país e, o quanto essas irmandades contribuíram para fortalecer a cultura africana em um país novo e desconhecido.

As pessoas negras, sejam como homens e mulheres livres, forros ou escravos, procuravam nessas irmandades um espaço para preservar sua cultura, suas tradições principalmente religiosas, além de terem o contato social entre eles e de se integrarem com a sociedade, conforme podemos observar no que afirma Naiara Ferraz

Bandeira Alves (2006, p. 7), *“utilizaram-se de suas irmandades para reconstituir laços sociais, ou seja, tais espaços serviam para um processo de construção da liberdade.”*

Todavia, é importante ter em vista que mesmo entre essas irmandades negras havia certo preconceito étnico, pois elas eram divididas de acordo com sua origem, os chamados “grupos de procedência”¹.

Algumas irmandades, porém, aceitavam pessoas de outra etnia, mas essas não tinham todos os direitos de membros, uma vez que eram proibidas de fazer parte do corpo de comissão que administrava as irmandades.

Ao associarem nessas irmandades, os seus integrantes tinham um santo protetor, mas, por outro lado, tinham a obrigação de contribuir financeiramente. Pagava-se para a irmandade taxas, ainda que seja com a entrega de jóias ou terras.

Em contrapartida, os membros recebiam das irmandades a assistência, tanto espiritual como corporal, tais como: compra da carta de alforria, acólito na hora da doença, visitas na carceragem e auxílio no ensejo da morte.

Fazia-se o sepultamento nas capelas, com missa fúnebre, sendo que o corpo era enterrado em local sagrado, geralmente dentro da igreja ou então no adro dela.

Os escravos da época pagavam essas irmandades e eram seus membros também pelo medo que possuíam de ter seu corpo, após a sua morte, jogado ao léu, abandonado nas portas das igrejas ou em praças, rios, mares, haja vista que esse era o costume dos senhores do engenho, principalmente quando os escravos se encontravam em estado de enfermidade ou velhice. Então nos estatutos dessas irmandades existia um capítulo que garantia o enterro após sua morte, conforme aponta Antonia Aparecida Quintão:

“Uma das atribuições mais lembradas nos capítulos dos estatutos ou compromissos das irmandades refere-se à garantia de um enterro

¹ O conceito de “grupo de procedência” foi proposto por Soares para a análise dos grupos étnicos africanos na diáspora: Mariza de Carvalho Soares, **Devotos da cor: identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000, especialmente capítulo 3.

para os escravos, freqüentemente abandonados por seus senhores nas portas das igrejas ou nas praias para que fossem levados pela maré da tarde”. (QUINTÃO, 2000: p. 163).

A morte de alguém era um espetáculo a parte. Lotava-se a igreja com a presença da população local. Era uma solenidade parecida com uma festa, haja vista que contavam com a presença de muitas pessoas, várias autoridades da cidade, muitas músicas e cortejos.

Os funerais eram cerimônias de muita pompa. Tratava-se mesmo de uma solenidade típica do período barroco, com todo requinte, como podemos observar no trecho abaixo, conforme Reis:

“Os luxos dos caixões, dos panos funerários, a quantidade de velas queimadas, o número de participantes no cortejo.

Pobres, confrades, músicos, autoridades, convidados a solenidade e o número de missas de corpo presente a decoração da igreja, o prestígio do local escolhido para a sepultura”. (REIS, 1991: p. 17).

A citação acima se torna mais concreta com as imagens de Jean-Baptiste Debret, que demonstram toda grandeza, todo o luxo e importância para a sociedade negra de um velório. Pode-se observar as pessoas reunidas, fazendo homenagens para a falecida, aplaudindo, dançando e cantando.



ENTERREMENT D'UNE FEMME NÈGRE.



CONVOI FUNÈBRE DUN FILS DE ROI NÈGRE.

B. Debret del.

Lith. de Thiery Frères S.^{rs} de Engelmann & C^o.

Imagem 1. Autor Debret, Jean Baptiste. Título: **Enterrement d'une femme nègre**. Gravura. 1768-1848.
 Imagem 2. Autor Debret, Jean Baptiste. Título: **Convoi funèbre dun flis de roi nègre**. Gravura. 1768-1848.

O LENDÁRIO CHICO REI

Ninguém ao certo sabe se Chico Rei realmente existiu, no entanto sua origem teve grande importância e contribuição para com a história da cidade de Vila Rica, atual Ouro Preto, em Minas Gerais, motivo pelo qual se tornou lenda para a localidade, pouco importando se real ou folclórica.

Supõe-se que nasceu no reino do Congo na África. Foi capturado pelos comerciantes, traficantes de escravos, e trazido para o Brasil na cidade do Rio de Janeiro, aonde foi vendido como escravo e trazido para Vila Rica.

Em Minas Gerais trabalhou para conseguir comprar sua alforria e de seu filho, único sobrevivente da viagem da África para o Brasil, sendo que sua mulher e os outros filhos morreram no percurso dessa viagem.

Em sua cidade natal, na África, Chico Rei era conhecido como Galanga, tinha o título de rei e no Brasil foi chamado ora de “Francisco da Natividade”, “Francisco de Lisboa da Anunciação”, “Francisco de Lázaro. Feito de escravo, ele se achava no direito de ser rei, como podemos notar nas citações de Artur Ramos (2005, p. 132), “*Francisco achava que, como rei, tinha o direito de continuar rei, embora exilado da sua terra.*”

Esse desejo de voltar a ser rei, de ter de volta para si a liberdade, fez com que ele criasse um plano. Deste modo, Chico Rei começou a esconder ouro entre os cabelos e embaixo das unhas, a fim de conseguir dinheiro para comprar a sua alforria e de seu filho.

Conseguido comprar a liberdade sua e de seu filho, ele começa a desenvolver outro plano, o de comprar a alforria de seus companheiros, criando assim uma comunidade, onde ele passou a reinar, como podemos observar nas anotações de Arthur Ramos:

“Francisco foi proclamado rei desta pequena comunidade e desde então passou à lenda como Chico – Rei. Com sua mulher com quem

casou no Brasil, seu filho e sua nora, formou uma família real em Vila Rica. Diz à lenda que a “nação” que Chico – Rei criou comprou as minas da Encardideiras e do Palácio Velho. Com o ouro que essas minas produziam, Chico – Rei ampliou o alcance do seu plano, libertando cada vez maior o número de negros. A “nação” escolheu como padroeira a Santa Ifigênia, sob cujos os auspícios foi fundada uma irmandade”. (RAMOS, 2005: p. 132,133).

Durante o seu reinado foram construídas as igrejas Santa Ifigênia do Alto da Cruz e a de Nossa Senhora do Rosário, ambas pela irmandade dos homens pretos em homenagem aos santos que eram devotos.

IGREJA SANTA IFIGÊNIA E SEUS SÍMBOLOS

A igreja Santa Ifigênia do Alto da Cruz foi construída por escravos e pela irmandade dos negros de Vila Rica. Sua construção data de 1733, tendo como responsável pela criação do projeto arquitetônico da fachada Manuel Francisco Lisboa.

Um das características da igreja são os altares laterais todos em estilo joaninos, fixados nas paredes, diferente dos altares do arco do cruzeiro que se encontram livres e curvos.

O retábulo mor é um dos mais refinados do estilo joanino de Francisco Xavier Brito, com anjos de proporções avantajadas, mas executados com perfeição. O douramento do altar mor foi feito por João Vila e Lourenzo Petriza.

Há uma grande presença de símbolos africanos na igreja, símbolos estes presentes principalmente em seus entalhes de madeira, tais como búzios, cascos de tartaruga, orixás, como podemos observar na imagem abaixo:

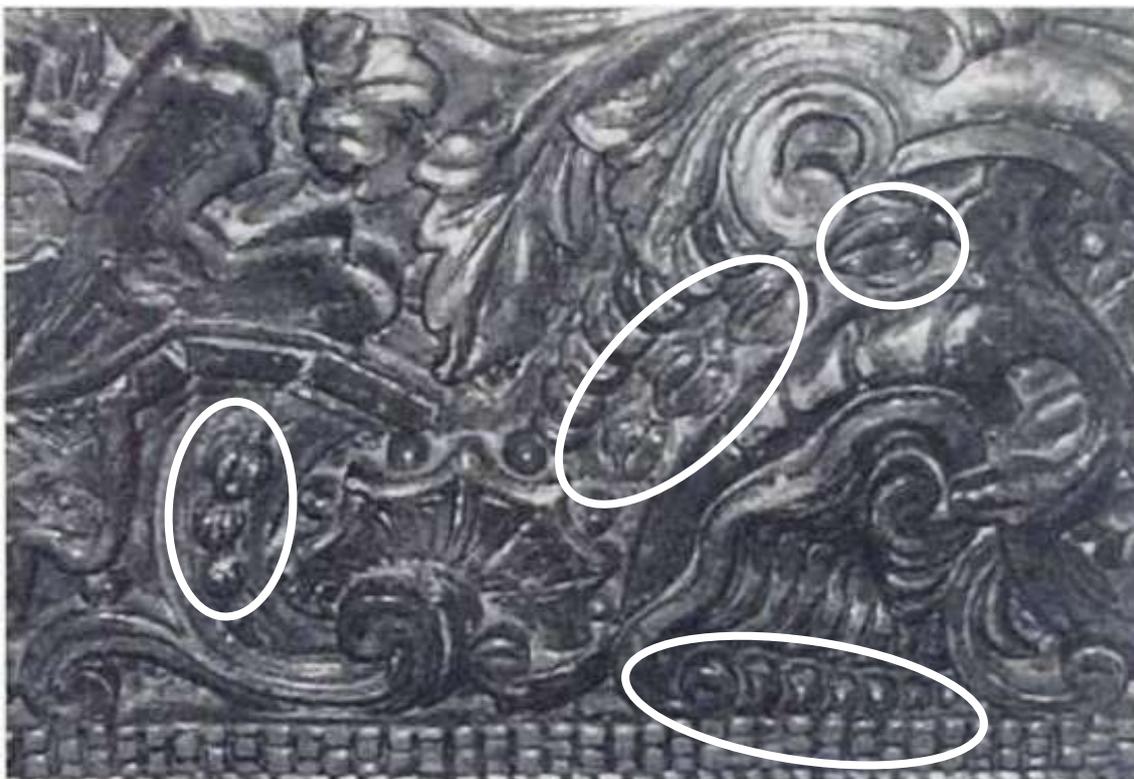


Foto 2. Detalhe: Entalhes em forma de Búzios num altar Lateral da igreja de Santa Ifigênia. Autoria da fotografia: Soraya Pereira, 2005.

A presença destes símbolos e elementos da cultura africana deve-se principalmente ao sincretismo religioso do povo negro, que buscou não perder suas tradições, bem como toda a mitologia que cercaram a construção desta igreja, a qual afirma que um de seus idealizadores fora Chico Rei.

Tal fato se torna mais evidente quando se observa no forro da igreja um papa negro. Muitos historiadores afirmam que referida imagem trata-se de uma homenagem dos negros a Chico Rei. A este respeito nos diz Percival Tirapeli (2010, p. 17), “*Na tribuna, sobre a cartela do coroamento, surpreendentemente há um papa negro com barrete frígio: homenagem ao financiador da igreja, o lendário negro Chico Rei.*”

A imagem abaixo do forro da igreja Santa Ifigênia do Alto da Cruz, mostra em posição privilegiada a pintura de um homem negro, com vestes papais em uma tribuna, tendo ao lado um anjo e no outro a cruz papal, motivo pelo qual é costume chamar referida representação de o Papa Negro.



Foto 3. Detalhe do forro da Igreja Santa Ifigênia do Alto da Cruz. Papa Negro.

CONCLUSÃO

As irmandades leigas foram importantes para a sociedade, principalmente nos períodos colonial e do império, uma vez imprescindíveis para a formação da cultura brasileira.

Necessário conhecer e compreender a importância das irmandades, em especial as de origem negra, pois foram forte instrumento de auxílio e proteção das massas, tornando-se o porto seguro onde a população encontrava o que necessitava, seja no campo espiritual, material e principalmente social.

Elas proporcionavam aos seus membros um refúgio da realidade e um ponto de encontro, onde os negros podiam se reunir e receber os diversos serviços destas instituições, apesar de muitos serem de obrigação do Estado, que era inerte e omissos em suas responsabilidades.

Foram fortalecedoras da cultura do povo brasileiro, pois mediante a tradição oral, na realização de cultos e festas aos mais diferentes santos padroeiros, disseminaram e preservaram suas crenças e memória histórica.

O fato das irmandades serem rivais contribuiu para a proliferação da beleza e magnitude de suas construções.

Necessário dizer que as irmandades ao serem as responsáveis pelas festas locais e crenças populares, contribuíram para a disseminação do cristianismo, pois a ostentação do sagrado e do profano foi instrumento de propaganda das crenças e dos dogmas cristãos numa época onde a Igreja buscava a manutenção de sua soberania.

O povo negro encontrou nas irmandades um ambiente propício para não deixar que seus hábitos morressem, que suas histórias fossem esquecidas, que seu mundo cultural fosse definitivamente extinto.

Mas, ao contrário, através das irmandades, os negros, ainda que às escondidas e de forma bastante cuidadosa, fortaleceram suas crenças e suas tradições, fazendo com que estas fossem paulatinamente incorporadas na identidade de todo o povo brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Naiara Ferraz Bandeira. **Irmãos de cor e de fé: irmandades negras na Parayba do século XIX**. Dissertação de Mestrado da Universidade Federal do Paraíba, 2006.
- ARGAN, Giulio Carlo **Imagem e Persuasão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- BOSCHI, Caio César. **Os leigos e o poder: Irmandades leigas e Políticas Colonizadoras em Minas Gerais**. São Paulo: Ática, 1986.
- CASHMORE, Ellis. **Dicionário de relações étnicas e raciais**. São Paulo: Summus, 2000.
- ETZEL, Eduardo, **Arte Sacra berço da arte brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1986.
- MACHADO, Lourival Gomes **Barroco Mineiro**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991.
- QUINTÃO, Antônia Aparecida. **As irmandades de pretos e pardos em Pernambuco e no Rio de Janeiro na época de D. José I: um estudo comparativo**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2000.
- RAMOS, Arthur. **Antologia do negro brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora Agir, 2005.
- REIS, João José. **A morte é uma festa**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1991.
- SOARES, Mariza de Carvalho, **Devotos da cor: identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- TIRAPELI, Percival. **Projeto Barroco Memória Viva**. São Paulo, 2010.